



NOTAS SOBRE A CHEGADA DO LIVRO “A DOMINAÇÃO MASCULINA” (1998) NO BRASIL

Claudia Kathyuscia Bispo de Jesus¹

RESUMO

Tratar da chegada e da receptividade de uma dada obra, seja literária ou científica, não é nada fácil por conta da dificuldade de mensurar com precisão a sua chegada. Foi essa dificuldade que encontrei com o livro “A dominação masculina” (1998) do sociólogo francês Pierre Bourdieu. Nesse texto tratarei de apresentar algumas evidências que nos ajudam a pensar como, e de que forma, foi a receptividade desse livro no Brasil. Para tanto, abordarei isso em dois momentos. O primeiro tratarei da chegada, levantarei alguns elementos que corroboram para evidenciar sua vinda para cá e as suas interpretações. Já no segundo momento, exponho as críticas e os embates em torno do livro. Em suma, considero que há um reconhecimento das suas contribuições teóricas fundamentais para se pensar uma “nova” sociologia que vai além de análises binárias, sobretudo para a sociologia da cultura, do consumo e da educação. Do outro lado, percebe-se um empasse e polarização na área dos estudos de gênero e/ou feminismo, para acatar a sua análise da sujeição feminina frente ao seu conceito de dominação masculina.

Palavras-chave: Dominação masculina. Pierre Bourdieu. Violência simbólica.

¹ Doutoranda em sociologia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: claudia_kathyuscia@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

Tratar da chegada e da receptividade de uma dada obra, seja literária ou científica, não é nada fácil por conta da dificuldade de mensurar com precisão a sua chegada. Foi essa dificuldade que encontrei com o livro “A dominação masculina” do sociólogo francês Pierre Bourdieu. Nesse texto tratarei de apresentar algumas evidências que nos ajudam a pensar como, e de que forma, foi a receptividade desse polêmico livro no Brasil. Para tanto, abordarei isso em dois momentos. O primeiro tratarei da chegada, levantarei alguns elementos que corroboram para evidenciar sua vinda para cá e as suas interpretações. Já no segundo momento, exponho as críticas e a polêmica em torno do livro.

Em suma, considero que há um reconhecimento das suas contribuições teóricas fundamentais para se pensar uma “nova” sociologia que vai além de análises binárias, sobretudo para a sociologia da cultura, do consumo e da educação. Do outro lado, percebe-se uma resistência e polarização, evidentemente na área dos estudos de gênero e ou feminismo, para acatar a sua análise da sujeição feminina frente ao seu conceito de dominação masculina.

1. A CHEGADA

Ao fazer um breve levantamento bibliográfico pude perceber que Bourdieu já transitava no campo acadêmico brasileiro, antes mesmo da chegada do livro “A dominação masculina” (1998).

A recepção de Bourdieu se deu a partir das margens do sistema acadêmico, especialmente nas ciências sociais, desde o final dos anos de 1960, quando a circulação de pesquisadores brasileiros no exterior implicou uma renovação teórica de tais disciplinas. Mobilizado inicialmente na área de estudos rurais, sua obra consolidou-se posteriormente como referência central, sobretudo no domínio da sociologia da cultura (BORTOLUCI; JACKSON; FILHO, 2015, p. 219).

A primeira publicação do livro de Bourdieu “*La Domination Masculine*”² foi em 1998, na França, pela *Le Seuil*. Na verdade, Bourdieu já falava da questão da

² “A dominação masculina” (tradução minha).

dominação masculina antes mesmo dessa publicação, sua primeira discussão está em um artigo, escrito em 1990³, cujo título é o mesmo do livro.

Il y a deux versions de « La domination masculine » écrites par Pierre Bourdieu: un article paru en 1990 et la version livre de 1998. L'auteur a retravaillé, changé, aménagé la première version qui était déjà une contribution importante aux débats sur les rapports sociaux de sexe. (KRAIS, 1999).⁴

No prefácio à edição alemã – A Eternização do arbitrário – Bourdieu ratifica, já de início, suas primeiras análises sobre a dominação masculina.

Este livro, em que pude precisar, reforçar e corrigir minhas análises anteriores sobre o mesmo tema⁵, apoiando-me no grande número de trabalhos dedicados às relações entre os sexos, põe em questão explicitamente a questão, obsessivamente lembrada pela maior parte dos analistas (e de meus críticos) da permanência ou da mudança (constatadas ou desejadas), da ordem sexual... (BOURDIEU, p. 06, 2012).

Antes da publicação do livro, Bourdieu já tratava dessa temática através de conferências, uma delas tornou-se capítulo de livro⁶, cujo título era: “A dominação masculina revisitada”, foi a primeira conferência do Prêmio Goffman⁷, na Universidade da Califórnia, no dia 04 de abril de 1996, organizada pelo seu discípulo Loïc Wacquant (LINS, 1998). Nesse pronunciamento, Bourdieu já sinalizava seu interesse em retomar seu escrito sobre a questão da dominação masculina e da necessidade de fazer uma revisão do mesmo:

Alguns anos atrás, escrevi um artigo intitulado ‘Dominação Masculina’ (Bourdieu 1990) que, espero, venha em breve a ser totalmente revisado e corrigido, para ser publicado em forma de livro, em inglês (BOURDIEU, p.13, 1998).

Ao analisar as principais ideias defendidas por Bourdieu, seja no seu primeiro artigo sobre a dominação masculina (1990), seja na conferência do Prêmio Goffman:

³ “*La domination masculine*”. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* 84, 1990, pp. 2-31.

⁴ “Existem duas versões de ‘A dominação masculina’ escritas por Pierre Bourdieu: um artigo publicado em 1990 e a versão em livro de 1998. O autor reformulou, mudou, organizou a primeira versão que já era uma contribuição importante para os debates sobre relações sociais de sexo”. (Tradução minha)

⁵ Destaque meu.

⁶ “A dominação masculina revisitada” (1998). Tradução para o português de Roberto Leal Ferreira e revisão técnica de Sylie Delacours Lins.

⁷ Pierre Bourdieu foi o primeiro ganhador do Prêmio Goffman, concedido pelo Departamento de Sociologia de Berkeley (LINS, 1998).

a dominação masculina revisitada (1996)⁸, percebe-se que o, então, livro é um aprimoramento dessas ideias. Portanto, no livro, Bourdieu reafirmará sua defesa de que a dominação masculina é inerente aos agentes, e que os mesmos incorporam e corporificam a lógica de dominação através do habitus.

Percebe-se que a produção das ideias de Bourdieu sobre a questão da incorporação da dominação masculina levou cerca de uma década no que hoje apresenta-se na obra “A dominação masculina” (1998)⁹. No entanto, nesse passar de tempo, tal discussão não tardou a chegar aqui no Brasil. Isso evidencia-se através de duas situações. A primeira refere-se à tradução do texto “Novas Reflexões sobre a Dominação Masculina” de Pierre Bourdieu¹⁰, publicado no livro “Gênero e Saúde”, em Porto Alegre – 1996, pela editora Artes Médicas, cuja organização se deu pelas pesquisadoras: Marta Julia Marques Lopes, Dogmar Estermann Meyer e Vera Regina Waldow. Isso sinaliza que no campo das áreas médicas já havia um debate precoce sobre as questões de gênero.

Outra evidência, dessa vez no campo das humanidades, foi a realização do seminário “Questões de Gênero” organizado pelo Núcleo de Estudos de Gênero/PAGU¹¹, no segundo semestre de 1998. Foi nesse seminário que surgiram as

⁸ Ainda sobre essa conferência, Bourdieu expôs algumas implicações políticas e econômicas ao se fazer a análise da dominação masculina, a partir da perspectiva da economia dos bens simbólicos. Para ele, “a dominação masculina, em última análise, fundamenta-se na lógica da economia das trocas simbólicas, isto é, na assimetria fundamental entre homens e mulheres, instituída na construção social de parentesco e casamento” (BOURDIEU, p.24, 1998).

⁹ É importante destacar que o trabalho de campo sobre o mundo dos Cabilas da Argélia foi realizado nas décadas de 1950 e 1960. Sobre isso ver, Bourdieu (2012).

¹⁰ Do original “*Nouvelles Réflexions sur la Domination Masculine*”, publicado em *Les Cahiers du GEDISST/Seminário 1993-1994, Division du Travail, Rapports Sociaux de Sexe et de Pouvoir*, Paris, IRESCO, n. 11, 1994, pp 91-104. Traduzido por Marta Julia Marques Lopes, a organizadora do livro “Gênero e Saúde” (1996).

¹¹ A institucionalização do PAGU (1993) foi resultado do trabalho de pesquisadoras inseridas em campos disciplinares distintos que buscavam dialogar com as teorias feministas e de gênero. A interdisciplinaridade, marca das pesquisas realizadas no PAGU, ramifica-se pelas diversas vertentes da problemática associada ao conceito de gênero – sociais, econômicas, antropológicas, históricas, políticas – (PAGU, 2017). Mas o fundante foi a influência dos *gender studies*, nos Estados Unidos. Como relata Margareth Rago (1998, p.89) em entrevista para a PAGU: “Em julho de 1990, logo após defender o doutorado com um trabalho sobre a história da prostituição no Brasil, participei de um encontro feminista e Nova York, onde ouvi, pela primeira vez, as discussões em torno das relações de gênero. Os *gender studies* já estavam a todo vapor naquele país e a controvérsia em torno da “história das mulheres”, ou do “estudo das relações de gênero”, parecia superada em favor do último. No Brasil, iniciamos em seguida – Adriana Piscitelli, Elisabeth Lobo, Mariza Corrêa e eu – um grupo de estudos do gênero, com o firme propósito de constituirmos futuramente um núcleo de pesquisa. A idéia foi reforçada pela participação no seminário “Uma Questão de Gênero”, realizado num hotel-fazenda próximo a Itu, em São Paulo. Aí reuniram-se intelectuais feministas de todo o país, algumas vindas do exterior, debatendo em altíssimo nível as novas propostas epistemológicas do feminismo. Heleieth Saffioti, Celi Pinto, Eva Blay, Maria Luiza Heilborn, Eleonora Menicucci de Oliveira, Albertina

primeiras discussões acadêmicas em torno da obra do Bourdieu (CORRÊA, 1999). Cerca de um ano depois do seminário, Mariza Corrêa¹² publica um artigo, intitulado “O sexo da dominação”, pela Revista Novos Estudos CEBRAP, em julho de 1999, como síntese das discussões sobre o livro a dominação masculina.

Gostaria de agradecer aos participantes do seminário "Questões de gênero", realizado no segundo semestre de 1998 — no âmbito do qual essas idéias foram primeiro discutidas — a viva interlocução que me proporcionaram e, particularmente, as conversas com Erica R. de Souza, Marko Monteiro, Gustavo A. Santos, Paula C. de Almeida, Anna Paula Uziel, Elisiane Pasini, Adriana Piscitelli e Miguel Vale de Almeida. **Agradeço também a Vera Pacheco Borges a gentileza de fazer o livro de Bourdieu chegar tão rápido ao seminário**¹³, por meio de Maria Claudia Bonadio, e a leitura cuidadosa de Martha Ramirez.

Boa parte das pessoas citadas, acima, como interlocutoras do debate em torno da dominação masculina, foram fundadoras do PAGU – como Vera Pacheco Borges¹⁴ – e algumas, inclusive, estabeleceram relações de orientação de pesquisa¹⁵. Nesse sentido, percebe-se uma confluência de ideias que ia se estabelecendo, a partir da constituição de redes feministas, sobre a temática da masculinidade e feminilidade no Brasil.

Vale ressaltar que as discussões ocorridas no seminário não se limitaram ao livro em si do Bourdieu, mas às reflexões que o mesmo fez sobre a questão da dominação masculina antes da sua publicação, como bem afirma Corrêa (1999, p. 43):

(...) os textos são: "La domination masculine" (Actes de la Recherche en Sciences Sociales, nº 84, 1990), traduzido por Guacira Lopes Louro como "A dominação masculina". Educação e realidade, 20(2), 1995; "Nouvelles réflexions sur la domination masculine" (Les Cahiers du Gedisst/Seminaire 1993-1994. Paris: Iresco, 1994), traduzido por

de Oliveira Costa, Cristina Bruschini, Elisabeth Lobo, Lia Zanotta, Lena Levinas eram algumas das brilhantes acadêmicas presentes. Não tardamos a criar na Unicamp o Núcleo de Estudos do Gênero Pagu, nome, aliás, sugerido por Elisabeth Lobo. A partir do ano seguinte, organizamos seminários, palestras, discussões, fizemos planos e mais planos, criamos, enfim, um espaço destinado a pesquisar assuntos ligados inicialmente à feminilidade e posteriormente à masculinidade, para o qual se integraram várias outras intelectuais prestigiadas, como a antropóloga Suely Koffes e a socióloga Ana Maria Goldani. Iniciamos a publicação de uma revista e, desde então, o Cadernos PAGU não tem cessado de se difundir" (RAGO, 1999, p. 01-02).

¹² Foi uma das fundadoras do Núcleo e Revista PAGU. Era professora do Departamento de Antropologia da Unicamp.

¹³ Destaque meu.

¹⁴ Historiadora, atualmente é professora aposentada pela Universidade Estadual de Campinas.

¹⁵ Claudia Bonadio, historiadora, teve orientação no mestrado e doutorado com a professora Vera Pacheco, na Unicamp. Sua pesquisa envolve as temáticas de gênero, consumo e moda. Martha Ramirez, que fez a leitura cuidadosa da obra de Bourdieu, foi orientanda da Mariza Corrêa no mestrado e doutorado pela Unicamp.

Marta Julia Marques Lopes como "Novas reflexões sobre a dominação masculina". In: Lopes, Marta J. M. (org.). Gênero e saúde. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996; "Conferência do Prêmio Goffman: a dominação masculina revisitada" [1996]. In: Lins, Daniel (org.). A dominação masculina revisitada. Campinas: Papirus, 1998a; La domination masculine. Paris: Seuil, 1998b. As citações dessas obras terão por remissão o ano de publicação das edições brasileiras.

É importante observar que as discussões sobre a dominação masculina do Bourdieu, para além das polarizações em torno de sua tese, ressalta a efervescência da época sobre as questões do conceito de gênero, uma vez que os *gender studies* já estavam a todo vapor nos Estados Unidos¹⁶. Além disso, revela como os grupos de pesquisa, aqui no Brasil, já promoviam discussões acaloradas em torno da questão da(s) mulher(es) e/ou gênero¹⁷.

2. AS CRÍTICAS À DOMINAÇÃO MASCULINA

Bourdieu, no livro *A dominação masculina*, deixa a desejar no que se refere a citação do trabalho de Simone de Beauvoir¹⁸ – *O segundo sexo* (1960) –, pois ambos trazem contribuições semelhantes sobre os mitos que corroboraram para a naturalização e idealização da feminilidade¹⁹. Para Burawoy (2010, p.137),

O tratamento dado por Beauvoir à dominação masculina inclui a ideia de dominação simbólica em Bourdieu, mas ela também procura transcendê-la. Para demonstrar meu argumento principal, segundo o

¹⁶As contribuições dos estudos norte-americano sobre gênero e sexualidade emergiram após a geração de ativistas da década 70, do século passado. Para Berutti (2010, p. 28), a teoria *queer* começou a aparecer em conferências acadêmicas, antologias e livros no final dos anos 1980. Desde a revolta de *Stonewall*, em 1969, gays e lésbicas tornaram-se social e politicamente ativos nos Estados Unidos, mas nos anos 1980 essas minorias sofreram uma crítica incisiva, provocada, sobretudo, pela epidemia da Aids.

¹⁷Para a historiadora Margareth Rago (1998, p.01), "o espantoso crescimento de centros e publicações regionais; um bom índice das tendências contemporâneas pode, entretanto, ser a leitura das coleções das duas principais revistas publicadas no país, a Revista de Estudos Feministas, que começou a ser publicada no Rio de Janeiro, em 1992, e hoje está sediada na Universidade de Santa Catarina, e Cadernos PAGU, publicada desde 1993 pelo Pagu/Núcleo de Estudos de Gênero da UNICAMP".

¹⁸Há quem diga que isso era característico da escrita de Bourdieu. Com base em Burawoy (2010, p. 131), "Bourdieu raramente mencionava, ainda mais raramente endossava e decerto jamais examinava os trabalhos daqueles que tinha por antagonistas – pelo menos nunca em público. Conceder-lhes espaço e dedicar-lhes atenção, é claro, só serviria para reconhecer e legitimar as contribuições desses antagonistas.

¹⁹Simone de Beauvoir inaugurou uma nova maneira de se pensar gênero. Desnaturaliza a ideia de feminilidade a partir de três mediações: o biológico, o social e o teológico e o psicológico. Sobre isso, ler Beauvoir, 1960.

qual não há nada em A dominação masculina que não estivesse descrito de uma forma mais elaborada em O segundo sexo (...).

Bourdieu faz apenas uma menção de nota de rodapé à Beauvoir. Tal posicionamento gerou bastante crítica ao autor (Burawoy, 2010; Perrot, 1999) pelo fato de que Simone já antecipara muito do que Bourdieu afirmou, cinquenta anos depois, em seu livro.

De acordo com Bourdieu (1998), a mulher interioriza, na forma de esquemas inconscientes, as estruturas sociais históricas da lei masculina. Isso vale também para o(a) pesquisador(a), já que somos, para ele, parcela do objeto que tentamos compreender. Esse é o risco que corremos ao tentar pensar a dominação masculina, pois, com base em Bourdieu (1998, p. 13): “corremos o risco de recorrer ou nos submeter a modos de pensamento que são, eles próprios, produtos de milênios de dominação masculina”.

A partir disso que, Bourdieu (1998) refere-se a Simone de Beauvoir e Virginia Woolf, como exemplos de intelectuais que “caíram na armadilha” ao tratar – de modos diferentes – a questão da condição da mulher. Para evitar tal risco, Bourdieu defende que é preciso

Descobrir uma estratégia política que nos permita efetuar a objetivação metódica do sujeito da objetivação científica: um estratagema para revelar as estruturas do inconsciente arcaico que devemos à nossa ontogênese e filogênese como seres dotados de gênero, e que nos leva a participar do próprio fenômeno que procuramos sondar (BOURDIEU, p. 13-14, 1998).

Esse instrumento de reflexividade proposto por Bourdieu foi criticado pela historiadora francesa Michelle Perrot (1999), ao comentar, na época, sobre o lançamento do livro “*La Domination Masculine*”. Segundo Perrot, Bourdieu ainda estava falando a partir de uma postura abstenha de crítica frente a sua posição – de homem, e que lhe dava uma audiência particular, segundo ela – na escrita da questão das mulheres.

É importante destacar que não só essa feminista francesa colocou em xeque a virilidade de Bourdieu, aqui, no Brasil, a Mariza Corrêa (1999) também observou o dito “lugar de fala” do Bourdieu sobre a dominação masculina. Segundo a aludida autora:

Pierre Bourdieu escreveu várias versões de seu texto final sobre a dominação masculina; recorri a todos eles nesta análise porque

acredito que o conjunto é revelador de uma trajetória que, tendo começado pela utilização de um modo peremptório, passou ao uso de um modo matizado de exposição sem, no entanto, ter renunciado seja ao recurso à determinação última — a do habitus masculino e feminino inculcado no corpo de homens e mulheres, numa operação transcultural e a-histórica, sempre a mesma —, seja à crítica, ora paternalista ou condescendente, ora acrimoniosa, a um campo de estudos que desqualificou de antemão (CORRÊA, 1999, p. 47).

Além disso, Corrêa (1999, p. 42) adverte

Reconciliar o autor Pierre Bourdieu enquanto etnólogo da sociedade Cabila com **o autor dedicado a desqualificar o empreendimento feminista**²⁰, ao longo de vários artigos e de um livro recente (*La domination masculine*), parece uma tarefa improvável. Mas o que se percebe nessa leitura e releitura do autor é que em seus melhores momentos de análise as suas ferramentas metodológicas são excelentes auxiliares no combate a um texto que, inexplicavelmente, trai o próprio fio central do trabalho de Bourdieu, em sua crítica sistemática ao nosso sistema de valores.

Torna-se óbvio, com base na Corrêa (1999), que há uma insistência na universalidade da supremacia masculina no trabalho de Bourdieu. Ademais, parte de uma definição etnocêntrica de pesquisa para analisar a questão da divisão de trabalho entre os sexos, levando em conta apenas as atividades produtivas - para Corrêa isso foi impeditivo para uma minuciosa compreensão da estrutura objetiva da divisão sexual.

E, por último, a autora afirma que Bourdieu se pôs em uma posição onde não está contaminado nem pela visão masculina nem, muito menos, pela visão das feministas. Tal posição, possibilita pensar a ênfase que Bourdieu deu ao sexo da dominação, percebe-se que ele não hesita em atribuir um sexo à dominação masculina (CORRÊA, 1999).

Por fim, Corrêa critica o demérito e a desqualificação que Bourdieu faz tanto com as teóricas como com os movimentos feministas. Dito de outro modo, havia uma deslegitimação das contribuições feministas no campo acadêmico para Bourdieu.

De fato, o campo de estudos feministas só merece esses dois tipos de menção de Bourdieu: ou as feministas não sabem o que fazem — e este livro foi escrito para mostrar-lhes o caminho da verdade —, ou estão tão contaminadas pela lógica da dominação masculina que

²⁰ Destaque meu.

suas análises são simples réplicas do mesmo esquema classificatório de sempre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A recepção da obra “A dominação masculina” (1998) de Pierre Bourdieu se dá em um contexto marcado pelas discussões das questões de gênero. Ou seja, no Brasil as temáticas de gênero e sexualidade, para além da condição da mulher, já havia iniciado no começo da década de 1990, fomentadas, em sua maioria, pelos grupos de pesquisas das universidades, sobretudo as do eixo Sul- Sudeste.

Ao mesmo tempo em que a obra de Bourdieu chega para apimentar as discussões sobre as construções sociais de feminilidade e masculinidade, ele perde espaço entre tantas outras contribuições que iam chegando na época. Pode-se pensar que a não centralidade no livro a dominação masculina para entender os papéis sociais dos gêneros se deu por três razões. Primeiro, a assertiva de Bourdieu já tinha sido explicitada por Simone de Beauvoir, meio século antes, cuja obra propulsora já tinha circulado pelo Brasil.

Outra razão a ser pensada é a dimensão crítica e desmedida às feministas francesas. O impacto negativo de sua obra no movimento feminista francês é notório no documentário “A sociologia é um esporte de combate” (2001), de Pierre Carles, onde se vê Bourdieu recebendo xingamentos por parte de algumas feministas em plena via pública. Essa reação decorre, a meu ver, do próprio teor crítico, para não dizer desmerecimento, que ele fez ao movimento feminista francês e algumas teóricas feministas francesas, como foi o caso da Simone de Beauvoir e da Virgínia Wollf. Obviamente que tais provocações incomodaram também as feministas brasileiras – o artigo da Mariza Corrêa tratado aqui é um termômetro desse incômodo para algumas acadêmicas brasileiras.

Por fim, a terceira razão seria pela hegemonia que foi se criando, no final dos anos 90, do século passado, dos *gender studies*. Houve um forte crescimento dos estudos subalternos, pós-coloniais e *queer* que começavam, de modo incipiente, a chegar ao Brasil. Todas essas temáticas traziam uma curiosidade maior do que o livro “A dominação masculina” de Bourdieu, que já era conhecido e firmado no campo acadêmico brasileiro.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: fatos e mitos. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.

BERUTTI, Eliane Borges. Queer studies: algumas ideias e uma análise. In: _____. **Gays, lésbicas, transgenders**: o caminho do arco-íris na cultura norte-americana. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.

BORTOLUCI, José Henrique; JACKSON, Luis C.; FILHO, Fernando A. Pinheiro. Contemporâneo clássico: a recepção de Pierre Bourdieu no Brasil. **Revista Lua Nova**, São Paulo, 94: 217-254, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n94/0102-6445-ln-94-00217.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2017.

BOURDIEU, Pierre. “La domination masculine”. **Actes de la Recherche em Sciences Sociales**, Vol. 84, 1990, pp. 2-31. Masculin/féminin-2. Disponível em: http://www.persee.fr/issue/arss_0335-5322_1990_num_84_1. Acesso: out. 2017.

_____. **A dominação masculina**. Tradução: Maria Helena Kuhner. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

_____. Conferência do Prêmio Goffman: a dominação masculina revisitada. In: LINS, Daniel (org.). **A dominação masculina revisitada**. Tradução: Roberto Leal Ferreira. Campinas – SP: PAPIRUS, 1998.

_____. Novas reflexões sobre a dominação masculina. In: LOPES, Marta; MEYER, Dagmar; WALDOW, Vera (Orgs.) **Gênero e saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1941626/mod_resource/content/1/GENSAU00.PDF. Acesso em: 30 out. 2017.

BURAWOY, Michael. As antinomias do feminismo: Beauvoir encontra Bourdieu. In: _____. **O marxismo encontra Bourdieu**. Tradução: Fernando Rogério Jardim. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2010.

CARLES, Pierre. A sociologia é um esporte de combate. França, CP Production VF Films, 2001, 149 min., Som, Color., (DVD). Disponível em: <https://br.ambafrance.org/A-Sociologie-e-um-esporte-de-combate-06-07-as-19h-Cine-Le-Corbusier>. Acesso: 07 nov. 2017.

CORRÊA, Mariza. O sexo da dominação. Novos Estudos Cebrap, São Paulo, n. 54, p. 43-53, jul. 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000137&pid=S1413-2478201100010000600016&lng=en. Acesso: 20 out. 2017.

LINS, Daniel (org.). **A dominação masculina revisitada**. Tradução: Roberto Leal Ferreira. Campinas – SP: PAPIRUS, 1998.

PAGU, Núcleo de Estudos de Gênero. O PAGU. In: Cadernos PAGU. Disponível em: <https://www.pagu.unicamp.br/es/cadernos-pagu>. Acesso em 05 nov. 2017 (*home page*).

PERROT, Michelle. Autour du livre de Pierre Bourdieu la domination masculine. **Travail, genre et sociétés**, 1999/1 (N° 1), p. 202-207. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-travail-genre-et-societes-1999-1-page-202.htm>. Acesso em: 03 nov. 2017.

RAGO, Margareth. Descobrindo historicamente o gênero. **Revista Cadernos PAGU**, 1998: pp.89-98. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634465>. Acesso em: 05 nov. 2017.

KRAIS, Beate. Autour du livre de Pierre Bourdieu La domination masculine. **Travail, genre et sociétés**, 1999/1 (N° 1), p. 214-221. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-travail-genre-et-societes-1999-1-page-214.htm>. Acesso em: 02 nov. 2017.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. São Paulo: Quatro Artes, 1969.